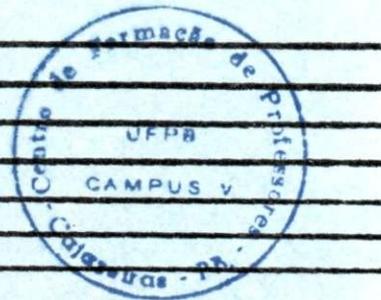


UFPB

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
CAMPUS V - CAJAZEIRAS - PB.  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E LETRAS

ESTE LIVRO NÃO PODE  
SAIR DA BIBLIOTECA

# Pedagogia



"Já Podaram seus momentos  
Desviaram seu destino  
Seu sorriso de menino quantas vezes se escondeu.  
Mas renova-se a esperança  
Nova aurora a cada dia  
E há de se cuidar do broto  
Prá que a vida nos dê flor e fruto"  
(Milton Nascimento).



RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS  
NO ENSINO DE 1º GRÁU

HABILITAÇÃO: Pedagogia - Supervisão Escolar

LOCAL DO ESTÁGIO: Escola Estadual de  
1º Grau Simeão Leal

ANO: 1986 PERÍODO: VII - 86.1

ESTAGIÁRIA:

Teresinha Alves de Almeida Liana



RELATÓRIO DAS ATIVIDADES  
DESENVOLVIDAS NO  
ESTÁGIO SUPERVISIONADO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E LETRAS

CAMPUS - V CAJAZEIRAS - PB

CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

HABILITAÇÃO: SUPERVISÃO ESCOLAR

INSTITUIÇÃO DO ESTÁGIO: ESCOLA ESTADUAL DE 1º GRAU SIMEÃO  
LEAL

PROFESSOR ORIENTADOR: RAIMUNDA DE FÁTIMA NEVES DA SILVA

PERÍODO: 86.1

ESTAGIÁRIA:

*Terezinha Alves de Almeida Viana*

Terezinha Alves de A. Viana

ESTE LIVRO NÃO PODE  
SAIR DA BIBLIOTECA



## D E D I C A T Ó R I A

Dedico este trabalho com gratidão ao meu esposo, filhos e irmãos. Bem como aos orientadores que tiveram presentes em todos os momentos desta luta, pelo apoio e incentivo que nos foi oferecido e pela alegria que nos proporcionaram.

A G R A D E C I M E N T O S

A DEUS:

Que nos deu as condições de chegarmos ao final desta batalha. Tudo é fácil, quando dedicamos a nossa confiança em vós.

AOS MESTRES:

Que acenderam as luzes do saber.

AOS MEUS PAIS:

Por tudo o que por mim fizestes.

## P E N S A M E N T O

"Educar é fazer o homem compreender e assumir sua condição de ser complexo, totalmente envolvido num existir social que se manifesta em várias dimensões do modo de ser humano. É educador todo homem que assume um compromisso com a realidade social da comunidade onde vive."

(Anaisa Andriola)

## S U M Á R I O

01. APRESENTAÇÃO .....	1
02. DESENVOLVIMENTO .....	2 - 3
03. CONCLUSÃO .....	4
04. SUGESTÕES .....	5
05. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA .....	6 - 7
06. ANEXOS	
6.1. PROPOSTA DE TRABALHO .....	9 - 10
6.2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	11 - 34
. FICHAMENTO POR AUTOR E POR ASSUNTO	
6.3. LEVANTAMENTO DAS QUESTÕES GERADORAS .....	35 - 37
. PROFESSORES	
. ALUNOS	
6.4. PAUTAS DE REUNIÃO .....	38 - 42
6.5. TEXTOS APLICADOS .....	43 - 53
6.6. INSTRUMENTOS DE DIVULGAÇÃO, PRENTE AO MOVIMENTO PAREDISTA .....	54 - 60
6.7. CORRESPONDÊNCIAS EXPEDIDAS .....	61 - 65

## 1. A P R E S E N T A C Ã O

A Educação vem sendo constantemente questionada e dúvidas surgem com relação à sua importância e seus benefícios. Face às indagações os educadores que conscientes da situação e dos problemas vivenciados pela educação brasileira tentam ultrapassar a fase teórica, para lentamente, encontrar as propostas de mudanças em confronto com sua realidade atual.

A Supervisão Escolar tem sua função nesse processo de mudança, onde é responsável em promover a integração escola - comunidade, bem como assumindo um caráter político e não somente técnico.

Com esse pensamento buscamos desenvolver um trabalho de sensibilização, tendo como objetivo envolver o corpo docente e discente, frente às nossas atividades.

Durante a realização do nosso estágio, atentamos para os objetivos, quais sejam:

. Promover sessões de estudo pertinentes aos conteúdos e atualização de conhecimentos nas áreas de Comunicação e Expressão, Ciências e Estudos Sociais.

. Desenvolver atividades pedagógicas, junto à comunidade escolar, tendo em vista a necessidade de um planejamento participativo e cooperativo.

## 2. D E S E N V O L V I M E N T O

Ao iniciar o estágio, tivemos como primeira preocupação entrar em contato com o administrador e professores da escola, para um melhor entrosamento com o corpo discente.

Nosso objetivo principal, foi desenvolver as nossas atividades pedagógicas, com a cooperação participativa da comunidade escolar, promovendo sessões de estudo nas áreas de Comunicação e Expressão, Ciências e Estudos Sociais.

Referente as sessões de estudo realizamos uma reunião pedagógica, com a finalidade de obtermos melhores esclarecimentos sobre as dificuldades existentes, entre o corpo docente e discente. Aplicamos questões geradoras, as quais nos ajudaram em nossas sessões de estudo.

Dando continuidade as nossas atividades, apresentamos uma proposta, onde marcamos uma reunião com os pais para conhecermos de perto os problemas e as dificuldades existentes na aprendizagem dos seus filhos. Fizemos um planejamento participativo e cooperativo onde houve a contribuição, para o melhoramento educacional.

Fizemos constantemente visitas às salas de aula, para uma conversa informal com os alunos e com a falta dos professores ministrávamos aulas.

Tivemos oportunidade de estudar e discutir textos com os docentes que ajudariam na nossa aproximação, bem como o nível de participação, <sup>desinibição</sup> desinibição e descontração em falar e ouvir.

Os textos analisados foram estudados conjuntamente entre professores - alunos, onde ambos demonstraram interesse e

um bom nível de participação. Ainda referente a estes textos elaboramos e distribuimos questionários com os alunos, onde avaliamos a importância deste estudo.

Tivemos a oportunidade de ajudar na elaboração do planejamento curricular, com a cooperação e participação de todo corpo docente.

As atividades desenvolvidas, foram interrompidas com a deflagração da greve dos professores do Estado da Paraíba, que mesmo assim nos ofereceu condições de realizarmos um trabalho político com o comitê grevista e a comunidade. Participamos de Atos Públicos, estudos de textos, debates, boletim informativo à comunidade, palestras, enfocando a importância do movimento e a necessidade de adesão de toda a classe.

Motivadas pelo novo sistema de trabalho, onde apresentamos os diversos ângulos que totalizam a verdadeira supervisão, destacando sua ligação com atividades de caráter político é que nos engajamos, visando uma maior união dos grevistas, esclarecendo-lhes sobre a importância de lutar, enquanto uma entidade de classe.

Seguindo o calendário de estágio, finalizamos os nossos trabalhos através de uma reunião com os professores em greve para avaliação da nossa participação durante o movimento.

A título de esclarecimento enviamos à escola, um ofício comunicando o nosso afastamento definitivo em virtude do prazo de encerramento do estágio.

Gratificante nos foi, ao podermos sentir de perto o valor do nosso trabalho na Supervisão Escolar, constatando os diversos caminhos da Supervisão e o desejo de que outros mais lhe surjam.

### 3. C O N C L U S Ã O

Quando iniciamos o nosso trabalho de estágio, chegamos a pensar que árduo seria para atingirmos a meta final. Grande foi o nosso equívoco, tivemos algumas dificuldades, é bem verdade, mas são através delas que poderemos superar as nossas deficiências e continuarmos com a luta.

Sabemos que é preciso educar o homem com postulado de fé, compreensão, aceitação e adaptá-lo à realidade da vida. E assim prosseguimos com o nosso trabalho, tentando compreender os nossos companheiros de luta e aceitando as suas e nossas limitações.

Concluindo as nossas atividades de estágio vale ressaltar que contribuíram para a nossa experiência e a aquisição de novos conhecimentos.

#### 4. S U G E S T Õ E S

. O EMBASAMENTO TEÓRICO é de grande importância, não só no estágio, como também no decorrer de todo o curso, onde torna-se-á mais fácil a comunicação e o desenvolver das atividades.

. Aumento do período de estágio que facilitaria o desenvolver de nossas atividades,.

## 5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

01. RODRIGUES, Neidson - Por Uma Nova Escola: o transitório e o permanente na educação. 2ª ed. Cortez: Autores Associados 1985.
02. \_\_\_\_\_ - Lições do Príncipe e Outras Lições. 4ª ed. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1984. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).
03. PETEROSI, Helena Gemignani e FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Anotações Sobre Metodologia e Prática de Ensino na Escola de 1º Grau. 2ª ed., Edições Loyola, São Paulo - 1985.
04. BERUTTI, Maria José e NARDELLI, Terezinha - Ciências na Escola Moderna. 7ª ed., Editora Nacional de Direito, Rio de Janeiro (GB) - 1967.
05. GADOTTI, Moacir.- Educação e Compromisso. São Paulo, Papyrus, 1985.
06. Revista: NOVA ESCOLA - Para Professores do 1º Grau, Ano I, Nº 1, março 1986. Fundação Victor Civita.
07. Revista: NOVA ESCOLA - Para Professores do 1º Grau, Ano I, Nº 2, abril 1986. Fundação Victor Civita.
08. Revista: SEM FRONTEIRAS - A Igreja do Brasil Aberta Para o Mundo. Nº 129, Volume 14, abril, 1985.
09. MUNDO JOVEM - Eleger uma Constituinte Popular e Transformadora. Nº 180, abril, 1986.

10. Revista NOVA, março 86, Nº 150.

11. Relatório do IV CONGRESSO - O Magistério Paraibano na Cons-  
tituinte - AMPEP e CPB.

\$

**ESTE LIVRO NÃO PODE  
SAIR DA BIBLIOTECA**





## PROPOSTA DE TRABALHO

### 1. Objetivos:

1.1. Desenvolver atividades pedagógicas junto à comunidade escolar tendo em vista a necessidade de um planejamento participativo e cooperativo.

1.2. Promover sessões de estudos pertinentes aos conteúdos, atualização de conhecimentos nas áreas de: Comunicação e Expressão, Matemática, Estudos Sociais e Ciências.

### 2. Desenvolvimento do Trabalho:

2.1. Fundamentação teórica

2.2. Treinamento em Serviço

2.2.1. Planejamento Participativo.

2.2.2. Sessões de estudo: Conteúdos e atualização de conhecimentos nas áreas de ensino.

### 3. Metodologia:

3.1. Cooperativo

3.2. Levantamento de questões geradoras

3.3. Sessões de estudos

3.4. Aplicação de questionários

3.5. Conversas informais

3.6. Reuniões

3.7. Encontro

### 4. Avaliação:

4.1. Auto e Hetero - avaliação.



## F I C H A P O R A U T O R

RODRIGUES, Neidson.

Por Uma Nova Escola: O Transitório e o Permanente na Educação.  
São Paulo, Cortez. Autores Associados, 1985.

## F I C H A P O R A S S U N T O

Uma Nova Abordagem Metodológica: A Metodologia Cooperativa.

RODRIGUES, Neidson. Por Uma Nova Escola. São Paulo, Cortez, 1985

## R E S U M O

RODRIGUES, Neidson. Uma Nova Abordagem Metodológica: A "Metodologia Cooperativa".

A nova abordagem metodológica, é uma metodologia que visa a cooperação de todos quanto fazem educação, e da família. A metodologia cooperativa requer a participação de todos e não a mudança de método do professor; Se o professor consegue alfabetizar com o seu método, seja ele qual for. Não implica que a aplicação da metodologia cooperativa atrapalhe o seu modo de ensinar, e sim, ela vai facilitar a união entre professor x aluno, escola x família.

É um meio de conseguir a participação de todos.

## F I C H A P O R A S S U N T O

O Ensino da Língua e da Linguagem.

RODRIGUES, Neidson. Por Uma Nova Escola. São Paulo, Cortês, 1985.

## R E S U M O

RODRIGUES, Neidson. O Ensino da Língua e da Linguagem.

Através da fala o indivíduo relata o mundo que ele vê e o mundo que existe no seu interior.

O homem encontra-se com o mundo por meio da fala, encontrando nessa o meio de dizer esse encontro. Utiliza-se da linguagem para expressar a visão de mundo que ele tem.

É necessário que um povo reconheça e viva a sua linguagem para que sua cultura seja universal.

Se um povo faz uso diário de uma só fala em seu país, tornando a língua em cultura única, é preciso que todos dominem sua linguagem para essa tornar-se rica e mais influente. Do contrário se o domínio da língua for limitado tornar-se a menos produtiva a sua histórica.

Cabe a escola criar meios de informar e conscientizar o aluno de seu papel de sujeito no mundo, criando e registrando sua história e cultura.

## F I C H A P O R A U T O R

RODRIGUES, Neidson.

Por Uma Nova Escola; O Transitório e o Permanente na Educação.  
São Paulo, Cortês. Autores Associados, 1985.

## F I C H A P O R A S S U M T O

O Ensino da Geografia: A Produção do Espaço Social.

RODRIGUES, Neidson. Por Uma Nova Escola São Paulo, Cortês, 1985.

## R E S U M O

RODRIGUES, Neidson. O Ensino da Geografia: A Produção do Espaço Social.

O ensino da geografia deve levar o aluno a compreender o "Espaço Humano".

Durante os anos percebemos que, a geografia tem sido estudada como algo não real, não vivido por nós que, fazemos parte da natureza humana, da formação do mundo e somos componentes e até mesmo fatores da geografia. A preocupação maior desse ensino é levar o aluno a memorização.

Existem tentativas de se ensinar a geografia como meio de produtividade onde se transforma o natural pela ação do homem ou do componente da própria natureza. Essa tentativa visa trazer de volta a identidade da geografia como ciência que ela é, associando-a a vivência humana e a outras disciplinas. Mostrando a relação que existe da geografia com a vida social e



## P I C H A P O R A U T O R

PETEROSI, Helena Gemignani e FAZENDA, Ivani Catarina Arantes.  
2ª ed. Edições Loyola. São Paulo, 1985.  
Anotações sobre metodologia e prática de ensino na escola de  
1º grau.

## P I C H A P O R A S S U N T O

Sobre Seres e fenômenos. (Ciências)

PETEROSI, Helena Gemignani e FAZENDA, Ivani Catarina Arantes.

## R E S U M O

PETEROSI, Helena Gemignani e FAZENDA, Ivani Catarina Arantes.

A criança, o professor e as ciências.

Ciências é uma das áreas de estudo que tem possibilidade, de despertar maiores interesses na criança. Mas os professores estão adormecidos e não dão tanta importância ao ensino de Ciências. Apontam como fatores de acúmulo de disciplinas falta de tempo e falta de recursos para o seu ensino. Sentimos porém, que um dos fatores principais para a pouca importância do ensino de Ciências, é a acomodação, o não esforço para mudar e a falta de conteúdo explícitos juntamente com a prática.

Podemos constatar, que a criança sente necessidade, de conhecer a ciência através da própria natureza, realizando experimentação e comprovação. Cabe ao professor, incentivá-lo ca



## R E S U M O

PETEROSI, Helena Gemignani e FAZENDA, Ivani Catarina Arantes.

Aspectos Pedagógicos do Ensino das Ciências.

Dentro dos aspectos pedagógicos do ensino das Ciências; ao colocar o aluno em contacto com a natureza, lhes oferece a oportunidade para desenvolver sua imaginação e aperfeiçoamento das habilidades, despertando e estimulando a curiosidade. É através das ciências que se deve inculcar no aluno o sentimento e respeito à natureza, observando os valores das descobertas em todas as suas formas e manifestações.

É importante o professor saber se expressar, dentro da sala de aula, empregando termos próprios e naturalmente adequados às necessidades dos alunos; usando sempre o verdadeiro nome de cada objeto.

\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$

R E S U M O

PETEROSI, Helena Gemignani e FAZENDA, Ivani Catarina Arantes.

Metodologia do Ensino.

A Metodologia do Ensino das Ciências deve ser baseada em experimentação, observação, solução de problemas, unidades de trabalhos, discussões, leituras e também o método científico propriamente dito. Contanto que qualquer um dos procedimentos adotados dessem oportunidades ao aluno de pensar, fazer e descobrir novas Ciências; contando com a orientação do professor.

\$

## R E S U M O

PETEROSI, Helena Gemignani e FAZENDA, Ivani Catarina Arantes.

### Materiais de Ensino.

As questões de materiais de ensino geram, inúmeros problemas que surgem, poluindo a mente e a capacidade do corpo docente; que ao invés de questionarem para o concreto, na busca de soluções viáveis e criem novos recursos que envolvam os alunos e comunidade escolar na busca e confecção de materiais simples, mas capazes de alcançar os objetivos educacionais.

É necessário que o professor de Ciências tenha um conhecimento razoável, informações, sensibilidade, dando oportunidades aos alunos de questionar, investigar e procurar respostas. Que o professor tenha certa segurança em conteúdos e habilidade; é indispensável que, ele procure se auto-avaliar, em seu conhecimento dentro de Ciências.

\$

## F I C H A P O R A S S U N T O

Sobre Lugares e Fatos (Estudos Sociais)

PETEROSSE, Helena Gemignani e FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. São Paulo. Edições Loyola, 1985.

## R E S U M O

PETEROSSE, Helena Gemignani e FAZENDA, Ivani Catarina Arantes.

No Campo da Educação Moral e Cívica.

Torna-se imprescindível, na relação entre os homens, três aspectos considerados básicos: o aspecto moral, civismo e compreensão internacional.

Imagina-se que o homem democrático não luta pelo bem estar individual e sim de todo o grupo. São valores e ideais existentes e que devem ser transmitidos a crianças e jovens. Contudo não é possível uma educação social sem considerar a capacidade de crítica.

Na escola de 1º grau, o professor deve mostrar aos alunos que, há regras a serem obedecidas para que se possa viver em harmonia, propondo a cada aluno uma disciplina própria.

A escola tem o dever de orientar o indivíduo, conscientizando-o das responsabilidades de seu país, o valor de suas instituições políticas e sociais, seu funcionamento, a natureza de suas relações com outros povos.

Civismo e patriotismo parte de cada um para formar um todo. O professor precisará de experiência, para com os alunos exercer uma crítica eficaz e fecunda.

## F I C H A P O R A S S U N T O

No que se refere à Educação Moral e Cívica.

PETEROSI, Helena Gemignani e FAZENDA, Catarina Arantes  
São Paulo, Edições Loyola, 1985.

## R E S U M O

PETEROSI, Helena Gemignani e FAZENDA, Catarina Arantes  
No que se refere à Educação Moral e Cívica

Educação Moral e Cívica está inserida na história dos países e dos povos. Para que o ensino de Educação Moral e Cívica esteja ligado a história, faz-se necessário que o indivíduo tome consciência do seu papel enquanto sujeito particular, ser social e cidadão do mundo.

É uma área que melhor poderá contribuir com objetivo e criatividade através da educação e das informações analisadas em seus vários aspectos.

A verdadeira crítica é aquela que é compreendida e analisada sobre os dois aspectos, os seja: a crítica construtiva e destrutiva, sem faltar o respeito a si mesmo ou o fato em si.

É importante conscientizarmos os valores universais e situações históricas já definidas no passado ou no presente.

Essa disciplina deve estar voltada para formação intelectual, social e política do educando. Onde procurar-se-á informar o indivíduo para a vida social com seus direitos e deveres, despertando-o para os prós e os contras existentes na sua região, no seu país, na sua sociedade. Deve formar sua concepção de vida, essa surge do amor que ele venha a ter ou tenha a



## O E N S I N O D E C I Ê N C I A S

Aos professores de Ciências do 1º Grau

Parece que o ensino das Ciências é hoje aquele que em nível do 1º grau padece de maior falta de definição de objetivos em nossas escolas. Poucas vezes se tem discutido entre os professores a sua função e os objetivos que devem ser procurados com o ensino de Ciências no 1º grau.

A questão fundamental do ensino de 1º grau é, portanto possibilitar à criança inserir-se em sua realidade cultural. Essa realidade cultural é compreendida, expressa e desenvolvida através da linguagem que circula na realidade social, incorporada e desenvolvida pelos vários homens que falam uma certa língua. Por isso a aprendizagem mais fundamental no 1º grau é a língua pátria, pois através dela a criança passa a desenvolver da forma mais correta possível sua relação com o universo social a que pertence... Portanto, o ensino da língua compreende não apenas o seu aprendizado enquanto instrumento linguístico de um grupo social, mas também a sua incorporação na língua cultural, social, científica, técnica, literária e artística, que compõe o inventário social desse grupo.

O ensino de Ciências no 1º grau deve procurar inserir as crianças no universo da linguagem científica. Elas devem conhecer que a Ciência é uma produção humana e que o conhecimento científico é o modo pelo qual o homem domina a natureza e a incorpora, transformando-a de acordo com suas necessidades. É necessário, portanto, que a criança seja conduzida a ver a Ciência como instrumento para o desenvolvimento do conhecimento individual, social.

A Ciência, portanto, deve ser ensinada, no 1º grau, tendo por objetivo possibilitar à criança ter acesso aos procedimentos da produção do saber. O educando deve saber distinguir o conhecimento do senso comum e o conhecimento científico, compreendendo que este último é conhecimento organizado e acumulado, enquanto que o conhecimento do senso comum resulta da experiência que cada um estabelece consigo mesmo e com o mundo de modo desconexo e assistemático. O senso comum é importante, mas à criança deve saber que há uma herança cultural, uma herança social, uma herança da civilização em forma de conhecimento que ela precisa e pode incorporar...

Vejamos aqui algumas informações no que diz respeito a metodologia do ensino de Ciências...

Basicamente pode-se afirmar que as Ciências devem ter como preocupação metodológica não apenas a transmissão de informações, mas sim e principalmente, promover atividades e desenvolver habilidades que possibilitem o conhecimento da natureza a partir de vários pontos de vistas: observar, experimentar, inferir, antecipar conclusões, verificar e comparar.

...Os procedimentos metodológicos mais adequados ao ensino das Ciências seriam:

- observação
- experimentação
- solução de problemas
- unidades de trabalho
- discussões
- leituras
- método científico propriamente dito.

O que consideramos fundamental, qualquer que seja o

procedimento adotado, é que se criem através dele condições para que os alunos, a partir das informações de que venham a dispor sejam levados a:

- estabelecer relação de causa e efeito;
- comparar entre si fatos e situações;
- interpretar dados, resultados, gráficos.

É importante lembrar que embora estejamos insistindo na necessidade de levar o aluno a pensar, a fazer, a descobrir em Ciências, não estamos absolutamente recomendando um ensino em que as informações propriamente ditas, dadas pelo professor, sejam abandonadas... É necessário que o professor informe o suficiente para que o aluno possa continuar a aprendizagem "sozinho".

Observe as sugestões dentro de Materiais de Ensino:

"Minha escola não dispõe de materiais apropriados, logo não posso ensinar quase nada..."

...Propomos, em particular no ensino das Ciências, que ao invés de se lamentar a falta de recursos se comece seguindo os próprios passos do método científico, a tratar esse dado da nossa realidade como um problema que deve ser melhor definido e para cuja solução se procurem alternativas concretas reais e possíveis, se criem e experimentem novos recursos, se envolva os alunos e a comunidade escolar na busca e confecção de materiais simples mas capazes de viabilizarem os objetivos educacionais almejados.

- Recursos e materiais aproveitando a própria natureza  
Aquários, viveiros, jardins, hortas, plantas, animais  
pedras.
- Textos, livros, revistas.
- Materiais audiovisuais.
- Excursões, aulas ao ar livre, recursos da comunidade
- Laboratórios, museu escolar, feira de Ciências.

BIBLIOGRAFIA:

1. NEIDSON, Rodrigues. Lições do Príncipe e outras Lições. 4ª ed. São Paulo. Editora Cortês. Autores Associados, 1984. (Coleção Polêmica do Nosso Tempo.)
2. NEIDSON, Rodrigues. Por Uma Nova Escola. O transitório e o Permanente na Educação. São Paulo. Ed. Cortês . Autores Associados, 1984.
3. PETEROSI, Helena Gemignani e FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Anotações sobre Metodologia e Prática do Ensino na Escola de 1º Grau. São Paulo. Edições Loyola , 1985.

\$

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO  
DIRETORIA GERAL DE EDUCAÇÃO  
9º CENTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO  
SUB-COORDENADORIA DE SUPERVISÃO E EDUCAÇÃO

Uma nova abordagem metodológica: " METODOLOGIA COOPERATIVA "

A melhor metodologia que existe é aquela que o professor conhece e domina, pois, uma técnica desconhecida pelo professor não melhora muito o seu trabalho.

A nova metodologia que anunciamos associa-se à nova postura dos educadores compreendidos pelas várias categorias de profissionais e difere, substancialmente da metodologia tradicional. Esta, estabelece uma responsabilidade individualizada nas atividades educacionais e uma determinação de "cima para baixo" a respeito de como devem ser tais atividades, distinguindo-se os que "pensam" dos que "fazem" educação.

E é esta a ordem que tem que ser invertida, com a educação sendo feita por professores, especialistas, direção e funcionários da escola, pais e alunos, todos participando na tarefa coletiva de educar. A "Metodologia Cooperativa", que articula todos quantos se interessam pela educação, permite-nos conhecer os limites dos alunos e a possibilidade objetiva da ação, apontando os alunos que mais necessitam da atividade educativa e aqueles que não tiveram e não terão nenhuma outra oportunidade social, senão a oferecida pelas escolas de 1º Grau...

Vejamos a importância do ensino da língua como processo de alfabetização...

Ao usar um instrumento da linguagem, a fala, por exemplo, o homem se mostra inteiro na sua relação com os outros homens e com o mundo.

A escola tem de criar competência para estimular, entre

seus alunos e os educadores, a ampliação na capacidade do uso da língua. O que se tem assistido nos últimos anos na escola brasileira é exatamente o inverso. É o crescimento da incompetência no uso da linguagem, a perda da capacidade da fala das crianças, a criação do mundo do silêncio. Ensina-se a língua pátria como se fosse língua estranha. Rejeita-se a fala dos falantes como ponto de partida e alicerces do desenvolvimento do ensino da língua desde a alfabetização e condena-se o educando a uma posição de medo e de inibição no uso da sua linguagem...

Por fim, julgamos que desde a alfabetização, primeiro passo da responsabilidade da educação escolar, o domínio da língua enquanto compreensão e domínio da cultura tem de ser assumido como a mais importante tarefa da educação escolar.

Vejam, também, a importância do ensino de História: O homem como sujeito.

O ensino de História precisa recuperar, junto aos educandos, o real valor daqueles que a fizeram, para que eles possam de mencionar o lugar e o valor daqueles que a fazem hoje. Quando se examina atualmente os livros de História, percebe-se que eles tentam ignorar os grandes movimentos humanos que a construíram. Da história da independência brasileira, por exemplo, retratam-se, apenas, as figuras de alguns personagens considerados autores da Independência: José Bonifácio, D. Pedro I e alguns poucos mais.

Nos antecedentes da Independência elevam-se à categoria de heróicos sonhadores as figuras dos seus precursores, como os inconfidentes e Felipe dos Santos. Mais nada se fala sobre os milhares de mortos nas lutas contra a dominação portuguesa em todo o século XVIII, lutas estas que consolidaram a resistência à dominação e empurraram os próprios governantes a mu -

dar a sua vontade pessoal. O mesmo se dá quando se examinam os textos sobre o fim da escravidão no Brasil. Pouco se fala nos movimentos dos negros, nas milhares de rebeliões, nas centenas de quilombos e, inclusive na pressão dos ingleses e nos interesses em jogo nessas pressões, e de como tudo isso ocorreu para a criação de uma consciência nacional contra a escravidão: A história ensinada aparece como desdobramentos ocasionais produzidos pelas ações de alguns homens notáveis. Ora, isso cega a consciência dos educandos, pois lhes apresenta a história como se ela fosse o que é por obra e graça apenas de grandes figuras históricas, eventualmente ocupando posição dirigente na sociedade. Tal tipo de ensino somente concorre para formar um espírito acomodado no povo, que deve sempre estar à espera de um Messias Salvador. A história não é avaliada e compreendida como o produto da ação humana, por isso o educando não consegue dimensionar que o BRASIL de hoje é o resultado do modo como foi constituído e, portanto, pode ser diferente se todos agirem para mudá-lo..."

#### Referência Bibliográfica:

RODRIGUES, Nelson. — Por Uma Nova Escola — O transitório e o permanente na Educação — Cortesia - São Paulo - 1985.

## NO CAMPO DA GEOGRAFIA

Se o estudo do meio local é necessário para introduzir as crianças no lugar natural, humano e social no qual irão desenvolver-se a maior parte delas nos primeiros anos de sua existência, existe também a proposta de que se vá mais além do horizontes familiares, ou seja, de que se descortine a possibilidade de estudo de tudo o que existe e passa no mundo.

Em geografia não se deve aprender apenas para saber, mas sobretudo para trabalhar, para compreender os problemas humanos de adaptação dos homens a seu meio, seus esforços para libertar-se da escravidão a que o meio o subordina, e também no que se refere aos malefícios daí advindos tais como devastação das matas, má utilização do solo para cultivo, etc.

Reduzida a explicitar a realidade de um espaço morto ou de uma natureza sem dinamismo, a Geografia se transforma, ano a ano, numa espécie de sofrimento para o estudante. Isto porque se ignora o fundamental no ensino dessa disciplina, ou seja, que o aluno deve compreender o espaço não como algo estático que existe para ser descrito, mas como uma realidade viva que está sendo construída e reconstruída pelos homens. O espaço geográfico é o espaço ocupado pelo homem, e, portanto, transformado por ele. Este processo de transformação ocorre quando o homem produz bens, constrói estradas, transforma os rios em meios de comunicação, incorpora a natureza como instrumento vital para mudança de suas relações sociais onde edifica cidades, pontes e estabelece meios de ligação entre várias regiões.

Assim sendo, a geografia não deve ser um tipo de estudo verbal que se restrinja à memorização de fatos que não correspondem em nada ao espírito da criança... A geografia deve

ser uma ciência viva, na qual as montanhas, os rios, as florestas, as paisagens, as cidades, enfim, sejam compreendidos na sua importância. Não se restringe a dados frios. São importantes na medida em que se relacionam com o homem, são incorporados socialmente e passam a ter uma relação vital com o homem que está construindo e reconstruindo o espaço.

O ensino da Geografia deverá começar pelo treino de observação... A título de exemplo, sugerimos a observação do sol em relação a determinado ponto em várias horas do dia. Exemplo: numa folha de papel colamos uma caixa de fósforos em pé e anotamos em várias horas do dia o desenho em cores variadas que a sombra da caixa projeta sobre o papel.

Concluindo, enfatizamos que o ensino da Geografia, baseie-se assim como da matemática, na observação e dedução. Na medida em que a observação direta permitir, a compreensão será mais intensa, quando não, os meios indiretos permitirão uma aproximação dos dados da realidade, não devendo todavia descurar-se que tão importante quanto observar individualmente é a troca de observação entre a classe, pois, nela, os detalhes se acrescentarão e permitirão uma dedução mais equilibrada.

...A Geografia tem a tarefa de transcrever, explicar, localizar e comparar (ressalvando-se que o aluno das séries iniciais do primeiro grau, ainda não atingiu a maturidade intelectual para explicar). Por isto é que seu estudo deve consistir em observações diretas e indiretas que conduza ao conhecimento dos fatos, o despertar da curiosidade e interesse, a troca de pontos de vista e a relação com os demais aspectos das ciências humanas em geral.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

PETEROSSI, Helena Gemignani e PAZENDA, Ivani Catarina Arantes - Anotações Sobre Metodologia e Prática de Ensino na Escola de 1º Grau - São Paulo, Edições Loyola, 1985.

## NO QUE SE REFERE À EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA

Pensando-se na necessidade básica de que na relação entre os homens deva existir a obrigação de respeito às condições de vida em comum, para que esta seja harmônica e possibilite condições normais de trabalho, três aspectos deverão basicamente ser considerados: o aspecto moral, o civismo e a compreensão internacional.

A questão moral implica um lidar com valores e idéias, pois refere-se em última análise à concepção do que se deve ser estabelecendo padrões de conduta e designando metas.

Esses valores e idéias, incluem não somente normas ou padrões para a conduta e linhas orientadoras para o futuro, como também apreciações, interesses e lealdades básicas...

Embora tenhamos salientado que idéias e valores não incluem apenas padrões de conduta, consideramos que deva existir na escola de 1º grau, o exercício de uma disciplina, e que o professor deva trabalhar sistematicamente com os alunos, para levá-los a reconhecer a necessidade da regra a que cada um deva submeter-se para que seja possível e agradável a vida em comum... Enfim, deve propor-se a dar a cada aluno, uma conduta de vida, uma disciplina própria.

...Como cápsula protetora aos ataques de uma competição social desenfreada e inobjetivada, a escola tem obrigação de trabalhar o indivíduo no sentido de torná-lo mais humano e feliz. Preparar os indivíduos para serem humanos e felizes, e sobretudo torná-los conscientes das responsabilidades de seu país, é preparar-los no domínio da vida política e defesa militar, é antes de mais nada, compreender com eles as razões de ser de seu país, seus valores espirituais e culturais, seus recursos econômi

cos, a natureza de suas relações com outros países próximos ou distantes, o valor de suas instituições políticas e sociais, bem como seu funcionamento.

Assim sendo, civismo e patriotismo envolvem atitudes e ações que pressupõem antes de mais nada deveres consigo mesmo, podendo estes em seguida ser ampliados aos indivíduos pertencentes à mesma comunidade, à comunidade próxima ao Estado, ao País e aos outros povos e pátrias.

Em nosso entender a Educação Moral e Cívica começa e termina onde começam e terminam as Histórias dos países e dos povos.

Tal como a História, deverá basear-se em fatos e documentos, seja no passado, seja no presente. Deve garantir a formação da pessoa, enquanto seus direitos e seus deveres, para que realmente possa iniciar os alunos numa prática de liberdade. Deve partir das necessidades imediatas dos alunos para que eles possam melhor perceber as necessidades de seu país e do mundo. Entretanto, só poderá dar bons frutos se a política interna do país for uma política de compreensão e colaboração local e internacional.

Enfim, Educação Moral e Cívica deve por excelência ser a disciplina que introduza o aluno na prática e no exercício de uma crítica consciente, visando sua liberdade pessoal e impulsionando-o a lutar pelo direito de seus semelhantes.

Concluimos que, a Educação Moral e Cívica deve partir da análise crítica de fatos visando um processo mais consciente de luta por direitos e deveres, enfim, de luta pela liberdade.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

PETEROSI, Helena Gemignani e FAZENDA, Ivani Catarina Arantes - Anotações Sobre Metodologia e Prática de Ensino na Escola de 1º Grau - São Paulo, Edições Loyola, 1985.



PERGUNTA GERADORA PARA OS PROFESSORES

- Quais as dificuldades que vocês sentem em termos de conhecimentos e conteúdos?

\$

## Q U E S T I O N Á R I O

1. O que você gostaria de estudar?
2. O que você está estudando aqui na escola, está atingindo o seu objetivo?
3. Quais as dificuldades que você sente em estudar as matérias: Português, Matemática, Ciências e Estudos Sociais?
4. Para você qual o método mais viável para uma boa aprendizagem?
5. Você acha que, para haver uma boa aprendizagem, vai depender somente do professor, aluno ou vice - versa?

Cajazeiras, 01.04.86

Organização: Terezinha Alves de Almeida Viana  
Ivete de Abreu Pessoa



P A U T A D E R E U N I Ã O - COM A EQUIPE DA ESCOLA

LOCAL: Escola Estadual de 1º Grau Simeão Leal

DATA: 17/03/86

HORÁRIO: 15H e 30 min.

1. Objetivos:

1.1. Discutir junto aos professores a possibilidade de participação dos pais e alunos na elaboração do planejamento.

1.2. Apresentar e discutir a nossa proposta de trabalho.

2. Atividades:

2.1. Discussão acerca dos problemas, dificuldades e possibilidade de um planejamento participativo.

2.2. Apresentação da proposta de trabalho do Estágio Supervisionado.

3. Metodologia:

3.1. Conversa informal

3.2. Avaliação oral da reunião

4. Participantes:

Francisca Maria dos Santos  
Leide Elias de Oliveira  
Maria Luíza Severo  
Maria do Socorro Pinto  
Kalino Lúcio Delino Oliveira  
Maria Cláudia de Andrade

Organização:

Terezinha Alves de Almeida Lima  
Leide de Alencar Feres

P A U T A D E R E U N I ã O - COM OS PAIS DOS ALUNOS

LOCAL: Escola Estadual de 1º Grau Simeão Leal.

DATA: 25/03/86.

1. Objetivos:

- 1.1. Informar os pais sobre a nova proposta de planejamento da Escola.
- 1.2. Solicitar a participação dos pais na elaboração do planejamento participativo.

2. Atividades;

- 2.1. Informação a respeito do que seja essa nova proposta de planejamento.
- 2.2. Discussão acerca de uma participação mais direta no planejamento.

3. Metodologia:

- 3.1. Conversa informal
- 3.2. Exposição dialogada
- 3.3. Discussão em plenária

Organização: Terezinha Alves de Almeida Viana

Ivete de Abreu Pessoa

## PAUTA DE REUNIÃO

LOCAL: AMPEP

HORÁRIO: 15 horas

DATA: 12/05/86

### 1. Participação dos professores

1.1. Que atividades nós professores estamos desenvolvendo neste movimento de paralização?

1.2. O que representa a greve para a gente?

### 2. Participação das estagiárias

2.1. Informar sobre as atividades que estamos desenvolvendo

### 3. Reativação das comissões

3.1. Divulgação da greve

3.2. Comando

3.3. Mobilização

### 4. Encaminhamento

- Forró

Local

Quando

Preço

Portaria

Bilheteria

- Debate

Informar

Organização: Equipe de Redação.

P A U T A D E R E U N I Ã O

(Reunião de estagiárias com professores)

D E B A T E - D I R E I T O D E G R E V E

LOCAL: CÂMARA DE VEREADORES

DATA: 15/05/86

HORÁRIO: 15 horas e 30 min.

1. Objetivo do Debate:

1.1. Discutir a questão legal do movimento grevista.

2. Metodologia;

2.1. Leitura do texto.

2.2. Plenária.

2.3. Debate aberto.

Responsáveis:

Equipe de Debate.



## O I N D I O B R A S I L E I R O

Neste mês celebramos a "SEMANA DO INDIO".

Um povo ameaçado de desaparecer por causa da ganância de uns poucos homens que, para enriquecer, não se envergonham de matar seus irmãos.

As comunidades indígenas, sofrem as consequências de todo um modelo econômico implantado neste país, amplamente favorável às grandes empresas.

Na ocasião da "Descoberta do Brasil" existia um total de sete milhões de índios, hoje vivem ainda cerca de 200 mil índios, concentrados principalmente na Amazônia e na Região Centro Sul.

A maioria de nós pouco sabe sobre eles. Normalmente, o pouquinho que aprendemos na escola ou que vimos na televisão. E isto, geralmente nos deixa com uma visão falsa ou muito parcial da situação do índio, de seus problemas e de sua cultura.

Nestes últimos 70 anos, mais de 80 povos indígenas desapareceram do Brasil. Muitos massacrados. De outros, restam os descendentes que se tornaram empregados de fazenda, peões, bóias-frias, favelados.

Existem três inimigos que opõem-se de os índios sobreviverem. Em primeiro lugar, todos nós da sociedade que diz ter descoberto o Brasil, que aos poucos e de mil maneiras fomos encurralado e matando.

Dentro destas sociedades, outro inimigo pouco se importou em realizar o mínimo suficiente para garantir a vida do índio: a demarcação e o respeito da terra do índio. Foi enviado em 10 de novembro de 1983, um documento assinado pelo Presidente da República, permitindo as empresas, que extraem

ouro e demais minérios, entrarem nas áreas indígenas.

Em terceiro lugar os inimigos dos índios são os fazendeiros. Eles querem aumentar as terras, suas fazendas e entre eles, há muitos que não hesitam em afirmar que o gado, que eles criam, é mais importante e rendoso do que os índios.

Do outro lado, de alguns anos para cá os grupos indígenas, apesar de todas as tribulações e morte que os rondam, continuam a seguem levantar sua voz, resistir, se defender e lutar...

Cabe aqui o depoimento do índio bororó de Mato Grosso, Txibae Ewororo:

"... O homem branco, aquele que se diz civilizado, pisou duro não só na terra mas também na alma de um povo.

Agora, porém, nós estamos animados de uma nova esperança e estamos resolvidos a mudar os caminhos de nossa história.

De onde nos vem essa esperança? Os civilizadores brancos se tornaram mais humanos? Não, infelizmente não! Nós é que queremos ser tratados como seres humanos e não como coisa.

E como vamos mudar os caminhos de nossa história? Vamos pegar em armas? Vamos enfrentar os brancos como eles nos enfrentaram? Não, os verdadeiros humanos não fazem isso, porque seria igualar-se a eles, e as armas não resolvem os problemas...

Nós vamos nos reunir, vamos morrer ainda se for preciso, mas não vamos aceitar mais a imposição da vontade dos outros. Vamos exigir que todos, desde o governo até o nosso vizinho, nos tratem como gente livre..."

Os grandes projetos de desenvolvimento econômico, como o de Carajás, da Polonordeste ou mesmo da Hidrelétrica de Tucuruí, continuam ignorando as comunidades indígenas e atendem apenas os interesses do capitalismo estrangeiro.

Sobre o futuro da causa indígena pesam os desacertos e as violências de um longo passado. Nem por isso o futuro é in-

viável. Dependerá também da ação solidária de toda a sociedade civil para com o povo indígena.

Se não quisermos presenciar a eliminação dos últimos duzentos mil índios de um total de sete milhões existentes por ocasião da Descoberta do Brasil, faz-se necessário que a Assembleia Nacional Constituinte legisle com precisão sobre os problemas que envolvem tais comunidades. Os próprios índios precisam ser ouvidos, além das entidades envolvidas nesta justa causa. Afinal, há séculos que seus direitos são violados e desprezados.

O grito dos povos indígenas QUEBEMOS VIVER! é um sinal do tempo, como um grito das "classes trabalhadoras", "das mulheres", e dos "povos colonizados". É o grito dos índios contra o opressor histórico de ontem e a opressão estrutural de hoje, que ameaça a sua vida.

É também o grito do socorro pedindo terra, justiça, liberdade.

Orgãos de Assistência aos índios:

- FUNAI: Fundação Nacional do Índio.
- UNI: União das Nações Indígenas.
- CIMI: Conselho Indigenista Missionário.

**BIBLIOGRAFIA:**

- Mundo Jovem
- Sem Fronteiras
- Nova Escola

RESPONSÁVEIS: Francisca Evanda T. Leite  
Francisca Pereira da Silva

## O I N D I O

O dia 19 de abril, é dedicado aos índios que foram os primeiros habitantes da nossa terra.

Durante os três primeiros séculos da história do Brasil, milhares de indígenas morreram nas guerras, contra os brancos, ou foram escravizados por eles. Nestes últimos setenta anos, mais de oitenta povos indígenas desapareceram do Brasil. Muitos massacrados. De outros restam os descendentes, que se tornaram empregados de fazendas, peões, posseiros, boia-fria e favelados.

Alguns autores mostram nos seus livros que o índio é tido como uma pessoa má que vive matando e comendo os brancos. No entanto ele luta por seus direitos, que tiveram terra, casa, pátria, filhos e caminhos, e hoje não têm mais devido os brancos terem tomado suas terras, suas casas, venderam sua pátria, mataram e escravizaram seus filhos e por fim fecharam seus caminhos. Isto tudo é causado pelos grandes fazendeiros empresários que receberam ordens do nosso governo para determinarem tudo que o índio tem direito.

Os índios são pessoas como nós e merecem nosso respeito e admiração.

Possuem inteligência, liberdade, capacidade de amar e de inventar coisas novas. Portanto, eles são nossos irmãos devemos respeitar seus direitos de:

- viverem livres nas suas terras;
- conservarem sua língua e seus costumes.

RESPONSÁVEIS: Terezinha A. de Almeida Viana  
Ivete de Abreu Pessoa  
Francisca Evanda Tavares Leite  
Francisca Pereira da Silva  
Maria Aldenir Mendonça Ribeiro  
Lúcia de Fátima

VAMOS DEBATER JUNTOS? " O DIREITO DE GREVE: O QUE É DIREITO E O QUE NÃO É ".

Durante o Regime Militar os trabalhadores foram obrigados a não usarem de seus direitos de reivindicarem principalmente através de greve. O ano de 79 abriu novos rumos à chamada Abertura Política, com os metalúrgicos do ABC paulista fazendo renascer uma nova história.

Novamente passou-se a utilizar a greve como instrumento de luta da classe trabalhadora.

- O QUE É MESMO UMA GREVE???

É uma paralisação pacífica de trabalhadores para pressionar o empregador a melhorar ou manter condições de trabalho e salário.

A lei 4.330 de 1º de junho de 1964, regula o direito de greve na forma do artigo 158 na Constituição Federal.

- E QUANDO UMA GREVE PODE SER LEGAL OU ILEGAL? Vejamos o que diz a lei.

Só tem direito a fazer greve os assalariados - os autônomos estão fora da dança. A greve só pode nascer da decisão de uma assembleia organizada por uma entidade sindical (Sindicato, Federação ou Confederação), não pode ser política ou de solidariedade e deve obedecer a uma série de prazos e procedimentos burocráticos - como aviso prévio a patrões e autoridades - para que seja considerada legal.

Ela é ILEGAL quando não cumpre os prazos estabelecidos na lei; se for feita por servidores públicos ou por trabalhadores de atividades consideradas essenciais (serviços de água, energia, luz, gás, esgotos comunicações, transportes, cargas ou descargas, serviços funerários, hospitais, maternidades, venda

de gêneros alimentícios de primeiras necessidades, farmácias e drogarias, hotéis e indústrias básicas ou essenciais a defesa nacional), conforme o Capítulo III, artigo 12 desta lei. Também se sua reivindicação houver sido considerada ilegal pela Justiça do Trabalho a menos de um ano; se seus motivos não forem estritamente ligados à salários e condições de trabalho; e, por fim, se pretender alterar alguma norma básica da Justiça do Trabalho. Em todos esses casos a pena para os grevistas varia de uma simples advertência à demissão por justa causa. Se cumprir todas as condições de legalidade, a greve é protegida pelo Estado. A lei garante que os grevistas convençam seus companheiros a aderirem ao movimento, sem violência. Podem colher donativos, fazer propaganda da greve em cartazes e faixas desde que não sejam ofensivas à empresa ou ao governo. Sendo legal, garante pagamento de salário dos dias de greve e a contagem desses dias como tempo de serviço. O patrão fica proibido de contratar substitutos aos grevistas. E todos que participarem pacificamente do movimento não podem ser despedidos.

Companheiros, mais uma vez, fica claro para nós que os trabalhadores precisam se unir para reivindicar seus direitos, e uma das formas encontradas é a greve. Não devemos temê-la.

**PRECISAMOS CONHECER MELHOR NOSSOS DIREITOS. O MOMENTO É AGORA... VAMOS DISCUTIR E TIRAR NOSSAS DÚVIDAS!!!**

(Texto readaptado pela revista NOVA, março/86, nº 15 e CLT 1981.)

Preparado pela Comissão de Redação de estagiárias em Supervisão Escolar - do Campus V - Cajazeiras. Edna, Neidinha, Evan da, benedita e Marta.

Cajazeiras, 12 de maio de 1986.

## GREVE E EDUCAÇÃO POLÍTICA

"... Os educadores e pedagogos modernos, entre eles \* Paulo Freire, superaram essa contradição mostrando que "ninguém educa ninguém, mas que todos nos educamos juntos", Educadores - Educandos e Educandos - Educadores. É provavelmente \* essa educação coletiva - necessariamente política - que um movimento grevista desencadeia, que educa para a virtude política, muito mais do que a escola. De fato, para o trabalhador, a greve é seu processo de educação enquanto classe. Sob o ponto de vista da educação nenhuma greve fracassa.

A capacidade de ser, apesar da brutalidade e da opressão, revela-se em cada ato de um movimento grevista. A greve é uma escola, ou seja, a escola da classe trabalhadora. Sob o ângulo político têm igualmente as greves sempre um saldo positivo: revelam a capacidade de uns e a incapacidade de outros na condução política. Novos líderes se formam na luta. Por isso, o atendimento ou não às reivindicações salariais não pode ser considerado como único indicador do sucesso de uma greve.

Além disso, do ponto de vista da educação política existem outros ganhadores, que não são os grevistas. Veja-se \* como a educação política do trabalhador e de quantos com eles se solidarizam, desenvolvendo campanhas de fundos para permitir a continuidade do movimento, ganha forma na relação estabelecida ao passar de casa em casa. O fundo de greve serve para ambos - para aquele que pede e aquele que dá ou nega - como instrumento de aprendizagem coletiva dos problemas. Perguntas e explicações são dadas. Estabelece-se uma relação capaz de quebrar o individualismo que o modo de produção capitalista criou e impõe, o que permite a sua própria reprodução.

A recusa em contribuir é também um ato educativo para ambos. Implica na decisão, essência do ato pedagógico, da parte daquele que se recusa, sejam quais forem os motivos. Educar-se é tomar posição, ser partidário. A educação é obra de partido. Por isso, uma greve educa muito mais do que os próprios grevistas. Estes fornecem apenas a ocasião para muitos se educarem. Tenha - se, por isso, certeza de que toda greve é sempre um avanço," é uma prova de que um passo está sendo dado."

Quanto ao trabalhador, este se educa tomando consciência de sua situação, de seus direitos. Luta por eles. Ao saber de humilhação à qual é submetido diariamente, conscientiza-se da necessidade e da possibilidade de ultrapassar os seus limites atuais, porque é criador, é produtor de cultura. Descobre a sua capacidade de ser, não porque alguém (os "mentores" das greves, no discurso do poder) lhe esteja insuflando no ouvido, mas porque, diante da humilhação, decide ser. Muitas vezes humilhou-o ainda mais, incutindo-lhe a inferioridade e a incapacidade de ser. Ela não despertou nele - muito pelo contrário - a "virtude política". Ensinou-lhe talvez um ofício - porque era a escola do patrão - mas não lhe ensinou a fazer cultura, a fazer história. Com a greve ele se sente com a história na mão..."

**Referência Bibliográfica:**

GADOTTI, Moacir. Educação e Compromisso. São Paulo, Papyrus, 1985,

Comissão de Redação de Estagiárias em Supervisão Escolar - Campus V - Cajazeiras - PB.

SEM PISO, NÃO PISO NA ESCOLA ;;; (AMPEP)

Cajazeiras, 16 de maio de 1986.

## DESAFIO AOS EDUCADORES

Um famoso filósofo alemão do século passado, Frederico Nietzsche, tece uma crítica radical a civilização ocidental, dizendo que ela educa os homens para desenvolverem apenas o instinto da tartaruga. O que quer dizer isso? A tartaruga é o animal que, diante do perigo, da surpresa, recolhe a cabeça para dentro de sua casca. Anula, assim, todos os seus sentidos e esconde, também na casca, os membros, tentando proteger-se contra o desconhecido. Este é o instinto da tartaruga: defender-se, fechar-se ao mundo, recolher-se para dentro de si mesma e, em consequência, nada ver, nada sentir, nada ouvir, nada ameaçar.

Formar boas tartarugas parece ter sido objetivo dos processos educacionais e político de educação desenvolvidos no mundo ocidental nos últimos anos. Temos educado os homens para aprenderem a se defender contra todas as ameaças externas, sendo apenas reativos.

Ensinamos o espírito da covardia e do medo.

Precisamos assumir o desafio de educar o homem para desenvolver o instinto da águia. A águia é o animal que voa acima das montanhas, que desenvolve seus sentidos e habilidades, que aguça os ouvidos, olhos e competência para ultrapassar os perigos alcançando vôo acima deles, é capaz também, de afiar as suas garras para atacar o inimigo, no momento que julgar mais oportuno.

As nossas escolas têm procurado fazer com que nossas crianças se recolham para dentro de si e percam a agressividade - o instinto próprio do homem corajoso, capaz de vencer o perigo que se lhe apresenta.

Temos criado, neste país, uma geração-tartaruga, uma geração medrosa, recolhida para dentro de si. E estamos todos impregna

dos por esse espírito de tartaruga. Não temos coragem para contestar nossos dirigentes, para nos opor às suas propostas e criar soluções alternativas. Agimos apenas de maneira reativa, negativa, covarde.

Temos ensinado às nossas crianças que os nossos instintos são pecaminosos. A parte mais rica do indivíduo, que é a sua sensibilidade - sua capacidade de amar e odiar, sua capacidade de se relacionar de maneira erótica com o mundo - tem sido desprezada. Temos ensinado o homem a ser obediente, servil, pacífico, incompetente em despertar todas as suas esperanças num poder maior ou no fim das tempestades.

Quando ensinaremos aos nossos alunos que eles não precisam se esconder diante das ameaças, porque todos nós temos capacidades de alcançar as alturas, ultrapassando as nuvens carregadas de tempestade e perigo? Temos ensinado às nossas crianças a se arrastar como vermes, e porque se arrastam como vermes, elas se tornam incapazes de reclamar se lhes pisam a cabeça.

Que desejamos, afinal, desenvolver em nós mesmos e nos jovens? O instinto da tartaruga ou o espírito das águias?

RODRIGUES, Neidson. Lições do Príncipe e Outras Lições. 2ª ed. São Paulo. Cortez Editora. Autores Associados, 1984, p.110-111.

Reproduzido pela Comissão de Redação.



Associação do Magistério Público do Estado da Paraíba - AMPEP

B O L E T I M   I N F O R M A T I V O

COLEGAS, NOSSA GREVE CONTINUA FIRME E COESA.

Em todo o estado a revolta é geral. Se nós já não aceitávamos os 34%, agora imaginem se iríamos aceitar os 10,54% oferecidos na última mensagem. Além disso o Ex-governador não deu nenhuma resposta às outras reivindicações (concurso Público, atendimento do IPEP no interior, regularização dos Conveniados e dos Funcionários do Mutirão escolar, Estatuto do magistério)

Esta é uma greve na qual temos que acreditar nas nossas próprias forças, na nossa unidade e capacidade de ganhar o apoio da comunidade.

O COMANDO GERAL DE GREVE analisou o movimento na última reunião e deliberou sobre algumas atividades, cujo CALENDÁRIO é o seguinte:

2ª Feira - Visita À ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA para solicitar aos deputados a rejeição da mensagem.

3ª Feira - DIA ESTADUAL DE ARRECADAÇÃO. Todos os grevistas deverão ajudar a comissão de finanças para arrecadar dinheiro para o movimento.

- Assembléias Regionais no interior (o horário fica a critério de cada regional) e logo após visita às Câmaras de Vereadores para solicitar apoio ao nosso movimento.

4ª Feira - Atos públicos, nas cidades do interior ou atividades públicas. Em João Pessoa visitas ao Centro Administrativo (na parte da manhã) para arrecadar finanças na fila de pagamento e divulgar a mobilização do mesmo dia.

- Na parte da tarde haverá a ASSEMBLÉIA REGIONAL DE

JOÃO PESSOA às 14:00hs, na AMPEP e depois ida até o Palácio da Redenção para uma audiência, haverá atividades culturais em frente ao Palácio.

5ª Feira - às 15:00hs. ASSEMBLÉIA GERAL, precedida de atividades culturais.

6ª Feira - Debate sobre educação com representante da CPB, ANDES e UNE.

participe, participe, participe, participe

## C A R T A   A B E R T A   À   P O P U L A C Ã O

Nós, professores da rede estadual de ensino, usando da forma que os trabalhadores dispõem para conquistar melhores condições de vida e trabalho, decidimos paralisar nossas atividades em sala de aula após infrutíferas tentativas de acordo com o governo acerca de nossas reivindicações.

REIVINDICAMOS: 6,3 salários mínimos, professor licenciado, 40 hs. semanais ou 180 por mês; para o professor com o pedagógico, 3 salários mínimos também para 40 hs. de trabalhos semanais, como determina no Decreto Federal 67.322/70.

A Paraíba é o estado que paga o salário mais baixo aos professores, embora o governo do estado gaste enormes somas de dinheiro em propaganda no rádio, na televisão e jornal, além de placas espalhadas por todo o estado. É este o GOVERNO DO POVO ? Esta é a NOVA IMAGEM DA PARAÍBA? Não! Os trabalhadores do ensino da rede oficial de ensino estão cansados dos baixos salários e difíceis condições de trabalho.

Solicitamos o apoio de toda a comunidade por entendermos que esta é uma greve justa pois tanto busca melhoria para os professores como também visa melhorar o sistema de educação.

POR UMA EDUCAÇÃO PÚBLICA E GRATUITA ;;;

MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA E ENSINO!!!

9º REGIONAL DA AMPEP.

ORGÃO INFORMATIVO DA  
ASSOCIAÇÃO DO MAGISTÉRIO PÚBLICO DA PARAÍBA  
FILIADA À CONFEDERAÇÃO DOS PROFESSORES DO BRASIL E  
CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES

Campina Grande - PB

Maio/86

Todos os servidores do Estado estão pagando de 8% a 10% de seus salários ao IPEP e a assistência médica é uma calamidade e na maioria das cidades não existe.

QUEREMOS SAÚDE DECENTE

As escolas estão abandonadas e nem papel existe para os trabalhos de classe.

QUEREMOS CONDIÇÕES PARA TRABALHAR.

Sobre a qualidade do ensino não se pode falar se não há concurso e os contratos são feitos só por politicagem. Ontem foi o emergenciado, agora é o conveniado e projeto mutirão.

QUEREMOS CONCURSO PÚBLICO.

O salário dos professores da Paraíba é o mais baixo salário do Brasil e o aumento que o governo BRAGA ofereceu é de 34% .

QUEREMOS MELHOR SALÁRIO.

POR TUDO ISTO, ESTAMOS EM GREVE

A partir do dia 7 (QUARTA - FEIRA)

## N O T A S

14/05/86

As estagiárias de Supervisão Escolar do Campus-V da Universidade Federal da Paraíba e a AMPEP, estão solicitando a presença de todos os professores da rede estadual e a comunidade Cajazeirense em geral no debate que será realizado logo mais às 15 horas na Câmara Municipal de Cajazeiras.

Professores da rede estadual de ensino da região de Cajazeiras, estarão promovendo, numa ação conjunta com o Clube de Samaritanos dessa cidade, no próximo sábado na Área de Lazer uma seresta com o objetivo de arrecadar fundos para a greve do magistério paraibano.

15/05/86

As alunas estagiárias do Centro de Formação de Professores de Cajazeiras, Campus-V da Universidade Federal da Paraíba e a AMPEP, estão convocando todos os professores da rede estadual de ensino, em greve há nove dias, para a reunião que será realizada logo mais às 14 horas na Biblioteca Pública Municipal

16/05/86

Logo mais às 15hs, na Biblioteca Pública Municipal de Cajazeiras, as estagiárias de Supervisão Escolar do Campus-V da U.F.PB e a AMPEP, estarão reunidos com os professores em greve, da rede estadual de ensino, quando deverão definir os estudos de textos, dentro da programação de paralização do processo reivindicatório da categoria.

03/06/86

A AMPEP e as estagiárias de Supervisão Escolar, convidam todos os professores grevistas a comparecerem amanhã dia 03 às 15:00hs na sede da AMPEP para estudar sobre o texto: DESAFIO AOS EDUCADORES.



C O N V I T E

Senhores Pais:

Pensando em ajudar seu filho venha a nos -  
sa reunião na ESCOLA SIMEÃO LEAL, para dizer o  
que seu filho pode aprender.

Você é importante na vida do seu filho.

Data: 25/03/86

Horário: 15 horas e 30 minutos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E LETRAS  
CAMPUS V - CAJAZEIRAS-PB

OFÍCIO Nº 01/86                      Cajazeiras, 14 de maio de 1986

DAS: Estagiárias em Supervisão Escolar - Pedagogia

PARA: Presidente da Câmara Municipal de Cajazeiras

Sra Presidente

Nós, estagiárias em Supervisão Escolar - Pedagogia entendemos a justeza do movimento de paralização dos professores da rede estadual de ensino e estamos prestando nosso apoio de solidariedade à classe.

Desta feita, estamos organizando um debate sobre O DIREITO DE GREVE no dia 14 de maio, às 15:00h, e solicitamos que V.Sa nos conceda a Câmara Municipal de Cajazeiras a fim de que o evento possa ser realizado.

Aproveitamos a oportunidade para reiterarmos votos de elevada estima e consideração.

Teresinha Alves de Almeida Lima

P/ Estagiárias em Supervisão Escolar.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E LETRAS  
CAMPUS V - CAJAZEIRAS-PB

OFÍCIO Nº 02/86                      Cajazeiras, 06 de junho de 1986  
DAS: Estagiárias em Supervisão Escolar - Pedagogia  
PARA: AMPEP

Srs Professores,

Nós, estagiárias do Curso de Pedagogia, Habilitação Su -  
pervisão Escolar, Campus V - Cajazeiras, faz comunicar a AMPEP  
e a comunidade em geral, o nosso afastamento do movimento grevis-  
ta em virtude do prazo de encerramento do estágio.

Outrossim, comunicamos que fica a critério de cada uma  
continuar ou não apoiando o movimento grevista.

Certos de contarmos com a compreensão de todos, apresen-  
tamos nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente.

Terezinha Alves de Almeida Fiana  
P/ Estagiárias em Supervisão Escolar.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E LETRAS  
CAMPUS V - CAJAZEIRAS- PB

OFÍCIO CIRCULAR Nº 01/86  
Cajazeiras, 09 de junho de 1986

Srs. Diretores

Vimos por intermédio do presente, comunicar a V.Sa. e demais membros desta repartição que o nosso estágio não teve continuidade nesta escola, tendo em vista a paralisação das aulas.

Na ocasião comunicamos também o nosso afastamento definitivo em virtude do prazo de encerramento do estágio.

Aproveitamos o ensejo para renovarmos protestos de estima e consideração.

Cordialmente,

Terezinha Alves de Almeida Viana

Ivete de Abreu Pessoa

Estagiárias.

Ilmo.(a) Sr(a) Administrador(a) Escolar:

Prof.(a) Maria Cleonice de Azevedo

Escola Estadual de 1º Grau Simeão Leal

Município Cajazeiras

CEP 58900